

# Os governadores para o final do sexênio

Via [PRT México](#)

Tendo concluído os prazos legais para definir e registrar formalmente as candidaturas para a eleição de 15 governos estaduais da República em 2021, é possível vislumbrar as formas e a composição do regime em sua relação com o governo da AMLO.

Devido à relação de forças no atual sistema partidário, a polarização política que o próprio AMLO promoveu com seu esquema binário de suposta luta entre liberais e conservadores, dois blocos estão surgindo no campo eleitoral. Por um lado, o bloco de partidos em torno do Presidente (de Morena à extrema direita representada pelo PSE, incluindo expressões de charrismo [peleguismo] sindical) e, por outro lado, o bloco do direito eleitoral do PAN, PRI e PRD. Neste esquema, como já assinalamos anteriormente (ver “Eleições na nova normalidade”) não há opção partidária que represente a classe trabalhadora ou a esquerda socialista. Não apenas a esquerda política anti-capitalista, mas em geral os movimentos anti-sistêmicos da classe trabalhadora, os povos indígenas em resistência contra megaprojetos ecocidas e neoliberais, e o movimento feminista em luta contra o patriarcado capitalista. Nestas eleições e neste esquema do atual sistema de partidos políticos, ninguém nos representa.

É por isso que nossa preocupação hoje não é definir uma fórmula de votação, nem procurar candidatos que supostamente defendam as exigências do movimento com partidos que, na realidade, são contra esses movimentos. Isso não significa que em termos da análise da situação política e do quadro de luta que teremos de continuar diante do poder, sejamos indiferentes ao exame dos rearranjos do pessoal político das classes

dirigentes.

Neste contexto, é interessante ver como as candidaturas de Morena e dos outros aliados de López Obrador estão sendo acomodadas. Não devido a qualquer ilusão de recuperação de alguma demanda social por parte de Morena e suas candidaturas, que não é o que está em jogo, mas devido à composição do bloco social no poder. É claro que ainda há ilusões em algumas pessoas de que a famosa “pesquisa” as favorece para obter uma candidatura para um deputado federal ou local (ou mesmo uma vaga no conselho porque em 2021 mais de mil cargos serão eleitos). Nesses dias, a “pesquisa” começará a dizer quem ficará de fora daqueles que se inscreveram previamente. E os protestos, desencantos e reclamações contra a “pesquisa” terão início. Vendo as candidaturas que já foram definidas para os governadores dos Estados, é possível prever que haverá coerência com as que serão definidas nos outros níveis e, portanto, que serão determinadas pelo peso das correntes burguesas, da direita e provenientes do PRI ou do PAN. Se alguém que afirma ser da esquerda ou o movimento for selecionado, ele ou ela será claramente uma minoria neste cenário.

A definição das candidaturas para os governos estaduais por Morena é relevante por várias razões. Em primeiro lugar, porque no atual equilíbrio das forças eleitorais é muito provável que sejam elas que ganharão a maioria (talvez em dois ou três estados tradicionalmente controlados pelo PAN ou pelo PRI haverá relativa concorrência). As eleições de 2021 serão importantes para a conformação ou não de um novo regime político transexenal. Isso implica não apenas qual corrente política de Morena ou da comitiva do presidente liderará a candidatura presidencial em 2024, mas quais setores das classes dominantes (muitos deles já representados no governo da AML0) serão finalmente acomodados como hegemônicos em um novo bloco social e como serão resolvidas as diferenças entre eles que já foram expressas nesses dois primeiros anos e meio

em que a AML0 tentou mediar, conciliar ou favorecer com o que chamamos de viradas bonapartistas de um governo de “progressismo tardio”, em comparação com os anteriores na América Latina.

O “progressismo tardio” da AML0 implicou neste discurso supostamente contra o neoliberalismo, mas limitando-o à luta contra a corrupção, e ao mesmo tempo a continuidade de projetos e reformas neoliberais como os megaprojetos (como o chamado Trem Maia, o Transitsmico ou o PIM), bem como a política dos neoliberais em termos de segurança pública, ou seja, a militarização, a criação da GN, o peso crescente do exército. O apoio e a defesa das forças armadas, em ambos os sentidos, é relevante. A defesa da instituição armada e sua imagem se destacou no caso do General Cienfuegos preso pela DEA e exonerado e recuperado pelo governo mexicano, mas também o apoio material e o comissionamento de obras de infraestrutura pelo exército (a construção do aeroporto de Santa Lúcia, mas também de trechos do Trem Maia). Tudo isso, assim como a política seguida diante da combinação da crise da Covid 19 e da crise econômica, por um lado, e por outro, a peculiar relação com o imperialismo ianque, tanto com Trump quanto com Biden, de defesa retórica da soberania nacional e subordinação à política de imigração e a renovação do NAFTA, apontam para uma certa acomodação ou reajuste das classes dirigentes no novo regime.

As candidaturas dos governadores dos 15 estados em jogo (quase metade do país) apontam para tendências na luta pela hegemonia entre os vários setores das classes dominantes. É por isso que há uma predominância de candidatos do PRI e do PAN, incluindo aqueles que se juntaram recentemente ao Morena, ou seja, nem mesmo alguns dos fundadores de Morena que também vêm do PRI, mas da era Echeverría. A conciliação com setores da burguesia de origem PRI ou PAN, reforça a possível dinâmica para que a continuidade do regime iniciado pela AML0, com todas as suas voltas bonapartistas, se incline mais para a direita, como fez

Lázaro Cárdenas com sua sucessora Ávila Camacho em 1940. Alguém que se encaixa neste rearranjo é Marcelo Ebrard, que nem sequer é formalmente membro da Morena, mas que atualmente tem grande peso político e que, embora também venha do PRI, não vem da corrente Cárdenas de 1988, mas da corrente oposta, ou seja, do Salinismo com seu chefe Manuel Camacho Solís, operador da Salinas na campanha de 1988. Hoje Ebrard é uma referência central no gabinete presidencial e ao mesmo tempo um de seus operadores, Mario Delgado, é presidente do partido. Por esta razão, como dissemos antes (op cit), o próprio AMLO alertou para a possibilidade de seu projeto não continuar após seu mandato de seis anos. “Nada é eterno”, diz ele. E como ele não está realmente preocupado com a institucionalização de seu partido, mas com o fortalecimento do funcionamento caudilhista, as dificuldades para consolidar um novo regime político transexenal são maiores. É claro que o esquema atual, em 2021, poderia mudar nos anos seguintes, já que a luta interburguesa, não apenas com o direito eleitoral PRIAN, mas também dentro do governo, poderia forçar mudanças, especialmente com o agravamento da crise e o esperado relançamento do movimento de massa independente em luta e resistência contra os custos sociais da crise.

Como já assinalamos anteriormente, as eleições de 2021 têm características peculiares, como ser a maior eleição de todos os tempos por causa do número de cargos em jogo, por causa da possibilidade legal de iniciar a consolidação de uma casta legislativa pela reforma que permite a reeleição imediata e também por causa do maior número de mulheres que participarão como candidatas e das possibilidades de serem eleitas (para continuar com a “Legislatura Paritária”) por causa das reformas legais que o movimento feminista e o amplo movimento de mulheres conseguiram após décadas de luta, e as campanhas “espaços vencedores”, bem como as cotas como ações afirmativas muitos anos antes do nascimento de Morena. Mas o que é relevante neste processo será a consolidação ou a luta pela hegemonia no novo bloco no poder das diversas forças burguesas

concorrentes. E com um sistema partidário que exclua a representação da classe trabalhadora ou dos movimentos anti-capitalistas ou anti-sistêmicos.

É por isso que mesmo no aumento da participação das mulheres, em candidaturas e cargos eleitos, não há garantia de mudança real, pois a conquista deste espaço pelo movimento feminino é utilizada pelos partidos tradicionais que não reconhecem a opressão das mulheres ou não lutam por sua libertação. O corpo de uma mulher não é igual à consciência da condição oprimida da mulher. A repetição de candidatas eleitas como Lily Téllez para o partido Morena em 2018, pela mesma razão que pode ser repetida em 2021 no partido Morena que tem Félix Salgado como seu candidato. O problema não são os candidatos, mas o partido; atualmente não há nenhum partido no terreno institucional com consciência feminista.

A composição desses 15 governos será, portanto, importante para o governo federal para a conclusão do mandato de seis anos e as definições para 2024. É a equipe com a qual a AMLO governará até o final de seu mandato de seis anos. Uma radiografia de como estão sendo definidas as candidaturas gubernatoriais dá uma idéia de para onde vão os rearranjos da classe dominante (e deve eliminar as ilusões daqueles que acreditam que é possível uma orientação “popular” do governo e Morena):

## **Baja California**

A candidata de Morena é Marina del Pilar Avila. Deve-se lembrar que o Governador Bonilla também foi postulado pelo Morena e que, desde o início, ele teve uma atuação controversa e antidemocrática. Ele nasceu na Califórnia, Estados Unidos, e participou politicamente com o Partido Republicano. Devido às acomodações eleitorais, sua eleição foi por dois anos, mas ele reformou a lei, com o apoio da maioria morenista no Congresso local para estender seu mandato por 5 anos. Embora o Supremo Tribunal de Justiça tenha derrotado essa tentativa (que na

época foi celebrada pela Secretária do Interior Olga Sánchez), ele continuou a administrar o congresso local à vontade, como fez quando reformou uma lei administrativa para justificar as concessões de água feitas à Constellation Brands. É claro que ele apoiou, como fez o governo anterior do membro do PAN Francisco “Kiko” Vega, a instalação desta cervejaria em Mexicali, rejeitada pelo povo e movimentos mexicanos que tiveram que sofrer repressão por sua resistência. No final, ele mandou reformar a Constituição local para permitir a reeleição de conselhos municipais e representantes do Congresso sem sair do cargo, a regra 37 ou “Lei Gandalla”, como era conhecida. Por ser uma reforma constitucional, exigiu não apenas o voto do Congresso, mas também o voto das próprias prefeituras.

Somente a presidente municipal de Tecate, Zulema Adams, se opôs a esta reforma, que levou a uma guerra permanente contra ela pela governadora Bonilla, que a acusou de violência política baseada no gênero. A atual candidata ao governo por Morena (e o PT), Marina del Pilar Avila, foi a presidente municipal de Mexicali, portanto é fácil imaginar que não haverá grande diferença com Bonilla. Agora Morena anunciou que três dos cinco candidatos a Presidente Municipal serão mulheres, no caso de Mexicali, Tijuana e Playas de Rosarito. Como os partidos são obrigados por lei a apresentar candidatas mulheres, esta lista que Morena apresentou não é uma garantia de mudança em favor das mulheres por causa do que já apontamos anteriormente. Na mesma lógica, a coalizão de direita do PRI, PAN e PRD, obrigada a apresentar mulheres em alguns cargos de governador, apresentou a ex-Miss Universo Lupita Jones como sua candidata. A bajacaliforniana María Guadalupe Jones Garay, mais conhecida como Lupita Jones, nunca participou da política e seu discurso é antipolítico e antipartidário, típico de uma mulher de negócios, neste caso, no negócio do concurso de beleza.

Não apenas na Baja California, muitos partidos, e não apenas

os recém registrados que têm que ratificar seu registro sem fazer coalizões, mas também os da coalizão de direita, estão oferecendo candidaturas a atrizes, lutadores e figuras que supostamente lhes asseguram votos não importa o que aconteça. Faz parte da lógica neoliberal na política onde se ensina que os programas, a política, a ideologia ou os partidos não são o importante, mas o critério de “marketing” da individualidade da candidatura e seu “carisma” para atrair votos. É por isso que Lupita Jones deu total liberdade aos partidos para dizerem o que quiserem, independentemente das definições partidárias (já difícil de encontrar pontos em comum entre o PRI, PAN e PRD) em troca de supostamente dar-lhes votos.

Para começar, ele disse que concordava, por exemplo, com o aborto e o PAN tinha que permanecer em silêncio. Por outro lado, há o empresário Jorge Hank Rhon, filho de Calos Hank Gonzalez, que foi Governador do Estado do México, Regente da Cidade do México, Presidente do PRI e que cunhou a frase “um político pobre é um pobre político”, em outras palavras, representante do mais rançoso do PRI e que sempre busca a candidatura do PRI no estado. Ele foi prefeito de Tijuana em 2007, pediu uma licença para concorrer ao cargo de governador da Baja California e perdeu para Osuna Millán do PAN. Ele protestou com raiva que seu partido, o PRI, preferiu uma mulher e o excluiu da consulta para ser um candidato. Portanto, ele concorreu como candidato ao cargo de governador para o evangélico PES, um aliado do presidente, mas que por razões legais não pode formar uma coalizão com Morena. Hank Rhon está concorrendo com Julián Leyzaloa Pérez para prefeito de Tijuana, ambos para o PES. Hank Rhon é o proprietário da rede nacional de cassinos “Caliente” e tem sido suspeito de assassinato (acusado de ordenar o assassinato em 1988 do jornalista Hector “El Gato” Felix do semanário Zeta), tráfico de drogas, lavagem de dinheiro, contrabando de animais exóticos, mas sempre saiu ileso. Ele está concorrendo com Julián Leyzaloa como candidato a prefeito de Tijuana, popular por seus métodos violentos para – segundo ele – colocar um fim

aos “malandros”. Ele tem estado em fuga desde o ano passado por dois casos de tortura somente no estado, além de outras acusações em Ciudad Juarez, onde também foi Secretário de Segurança Pública. Ele tem 27 recomendações para a tortura, desaparecimento forçado e uma para a execução extrajudicial de seu comando especial. Das 27 recomendações, 3 eram do CNDH, 3 do então Ombudsman de Direitos Humanos da Baja California (hoje CEDH) e 21 do CEDH de Chihuahua. Ele tem um discípulo na Segurança Pública em Cancun, Alberto Capella, que tem estado por trás da repressão e assassinato de mulheres e dos protestos feministas por parte de seus policiais.

### **Baja California Sur**

O candidato a governador é Victor Manuel Castro Cosio para a aliança Morena e PT. Castro é um dos poucos candidatos nestas 15 eleições que realmente vem de Morena desde sua fundação e antes disso do PRD, além de ser o único que antes era militante da esquerda socialista e de um movimento como o dos professores, onde era líder local do CNTE. Ele entrou em 2018 como Senador de Morena para a Baja California Sur e pediu uma licença porque a AML0 o nomeou super delegado com a clara intenção de promovê-lo como candidato a Governador em 2021. Apesar de tudo isso, as pesquisas atuais não o colocam em primeiro lugar, mas o candidato da coalizão de PAN, PRI e PRD, Francisco Pelayo, que procura impedir o triunfo de Morena. No final dos anos 90, com Leonel Cota, ex-sócio de Castro Cosío, o PRD ganhou o cargo de governador do estado e o ratificou uma segunda vez, mas desde então o governo do estado tem estado nas mãos do PAN. O peso do setor empresarial, em sua maioria ligado à indústria turística nacional e internacional, bem como seu desprezo classista, certamente lhes parece ser melhor representado pelo PAN. A atual prefeita de Los Cabos, Armida Castro, cargo que ganhou para Morena, renunciou ao seu partido reclamando de violência política de gênero porque a “consulta” para buscar a reeleição não lhe deu a vitória, mas um homem. Ela está concorrendo para a reeleição, mas para outro partido.



Como este centro turístico é economicamente o município mais importante do estado, a senadora do PAN Lupita Saldaña pediu uma licença do Senado para concorrer também ao candidato de seu partido em Los Cabos.

## **Campeche**

A candidata de Morena e PT é Layda Sansores que pediu uma licença como prefeita de Álvaro Obregón no CDMX para concorrer em seu Campeche nativo. Ela já foi candidata a Governadora do Campeche. Ela rompeu com o PRI em 1997 quando lhe negaram a candidatura, então ela foi para o PRD para ser candidata, embora não tenha ganho a eleição. Do PRD ela tem apoiado a AMLO. Ela é filha de Carlos Sansores Perez, ex-líder nacional do PRI e, portanto, da conhecida linhagem PRI. O Campeche continua sendo um reduto do PRI; nunca foi governado por nenhum outro partido. O atual presidente nacional do PRI, Alejandro Moreno Cárdenas “Alito” é de Campeche onde foi governador e antes desse senador para o mesmo estado. O candidato do PRI é Christian Castro em coalizão com o PAN e o PRD. Em outras palavras, em uma tentativa de tirar o PRI do governo de Campeche, Morena está lançando um candidato ao PRI da família Sansores.

Colima. A candidata do governo de Morena (e do Partido Nova Aliança) é Indira Vizcaino, que está passando por sua “terceira transformação” desde que foi primeiro do PRD, depois entrou no governo de Colima com o PRI e depois, em 2018, mudou-se para Morena, quando López Obrador nomeou seu superdelegado em Colima. Ou seja, também seguindo o esquema inicialmente projetado pela AMLO para projetá-la para ser a Governadora. Isso não impediu que quando Mario Delgado, presidente nacional de Morena, anunciou que havia ganho a “votação”, houvesse protestos de outros morenistas e mesmo em Colima foi um dos lugares onde Delgado sofreu empurrões e gritos de seus colegas para a imposição da candidatura. O que é relevante sobre a candidatura da Indira Vizcaino não é apenas sua rápida transição do PRD para o PRI e depois para

Morena, mas que estas mudanças de camisa não foram vinculadas a nenhum compromisso com as lutas sociais em seu estado. Especialmente no caso de sua colaboração com o PRI, que ocorreu com o governo de Ignacio Peralta, cuja eleição em 2015 foi questionada como fraudulenta mesmo pelo PRD do qual o Indira era militante e que forçou a repetição da eleição. A eleição foi repetida e a Peralta foi novamente imposta. Foi com este governo que Indira Vizcaino começou a colaborar como Secretário de Desenvolvimento Social.

## **Chihuahua**

O candidato a governador do Morena é Juan Carlos Loera de la Rosa. Ele entrou como deputado federal de Morena em 2018, embora sempre estivesse ligado ao governo PAN de Corral em um contexto de coexistência de líderes PRI, PAN e PRD, comum em Chihuahua. Ele pediu uma licença como congressista porque AML0 o nomeou super delegado em Chihuahua. Em outras palavras, não é uma grande surpresa porque é o esquema previamente acordado por AML0 de superdelegados que se tornarão candidatos a governador. Sua vitória não é certa, porém, devido à fraqueza do Morena em Chihuahua. A candidata da coalizão PAN-PRD é María Eugenia Campos, conhecida como Maru Campos, prefeita da cidade de Chihuahua em licença. Maru Campos é acusada de receber subornos de uma folha de pagamento secreta do ex-governador do PRI César Duarte Jáquez (2010-2016). Apesar do fato de que até 12 membros do PRI acusados da mesma coisa que Maru Campos já estão na cadeia, ela ainda não foi indiciada e, portanto, ela pretende conduzir sua campanha para governadora. A Procuradoria Geral do Estado agora governada pelo Curral do PAN não parece ter pressa em proceder contra o candidato do PAN que foi subornado pelo ex-governador do PRI.

## **Guerrero**

Obviamente a candidatura de Félix Salgado Macedônio ao Morena para Governador de Guerrero tem sido a mais controversa e mais escandalosa e desacreditada para aquele partido. Além do

recente capítulo da decisão do INE de cancelar o registro da candidatura de Salgado por não ter apresentado as despesas pré-campanha, o mais importante é a evidência da definição conservadora e patriarcal de Morena, devido às alegações de estupro e agressão sexual. No artigo anterior já abordamos a questão, explicando que nossa preocupação não é o prestígio ou não de Morena com esta candidatura ou se eles mostram coerência ou não, já que em geral não concordamos com aquela parte. Mas certamente há um problema com a imagem social deste conflito. A eleição presidencial de 2018 na qual foi expressa uma rejeição histórica do PRIAN, gerou na imaginação popular uma expectativa em relação à AML0 e ao governo Morena que foi além do que estava realmente comprometido e qual seria seu desempenho. O discurso da AML0 contra o neoliberalismo, mas que se limita à luta contra a corrupção, mostra a contradição, típica de outros governos “progressistas” da América do Sul, que na prática continuam com as linhas centrais do neoliberalismo, tais como os megaprojetos. O mesmo acontece com respeito aos direitos humanos e à segurança pública e com respeito aos direitos da mulher e do feminismo. A expectativa social ao derrotar o PRIAN, no imaginário popular, era que, ao contrário dos neoliberais, o governo da AML0 e Morena defenderia e estenderia os direitos das mulheres e quase seria feminista.

Certamente em questões de direitos políticos como a paridade em cargos eleitos, o governo de AML0 os tem respeitado. São conquistas do amplo movimento feminino que vêm de muitos anos atrás e que foram incluídas na legislação em vigor desde antes do triunfo de Morena. E AML0 a respeitou, como mostra a composição do gabinete e a chamada “Legislatura da Paridade”. Neste momento, todas as partes devem respeitar a lei que as obriga a ter paridade em suas candidaturas. Mas as exigências do feminismo e dos direitos da mulher não se limitam à paridade em posições representativas. Como temos insistido em várias ocasiões, não basta ter mulheres legisladoras ou funcionárias públicas se essas mulheres também não estão

cientes da condição feminina e mantêm concepções conservadoras, religiosas ou sexistas. Na nova onda de luta das mulheres, os eixos de mobilização apontam para questões mais profundas do que a simples paridade nos cargos públicos e são mesmo reconhecidos como relevantes pelas novas gerações como parte da luta contra o patriarcado no capitalismo. Exemplos disso são as importantes mobilizações para a descriminalização do aborto e o direito de controlar o próprio corpo das mulheres, ou todas as lutas contra a violência contra as mulheres (incluindo a violência política) e seu extremo, o feminicídio, que no México atingiu extremos escandalosos.

E é neste ponto que, como nos megaprojetos neoliberais, as limitações e contradições do governo de AMLO e seu partido com as expectativas e o imaginário popular do que as pessoas erroneamente esperavam deste governo se tornaram evidentes aqui. O caso de Félix Salgado deixou isso bem claro. Mas é uma contradição que já vem ocorrendo há muito tempo. Tem a ver com a supressão de orçamentos previamente ganhos para o cuidado de mulheres vítimas de violência sexista. Tem a ver com a oposição permanente da AMLO em reconhecer que a violência e a violência feminicida continua ou mesmo que com a pandemia ela aumentou, quando ele afirma ter “outros dados”. Ou quando ele nega que a violência doméstica aumentou no confinamento e diz que não pode ser porque “ficar em casa” não existe tal risco porque a família no México tem valores que a tornam diferente do ambiente familiar em outros países, como denunciam as feministas com relação à estrutura patriarcal.

Ou seja, ao contrário do que a imaginação popular pensava, o governo da AMLO não é feminista, nem tem como prioridade a defesa dos direitos da mulher no âmbito desta sociedade patriarcal. Aqueles que pensavam que a candidatura de Salgado Macedônio respondia a uma visão conservadora e sexista de Mario Delgado, da liderança de Morena, ou de sua comissão de honra e justiça, deveriam entender que não é apenas o partido,

mas a concepção de seu principal guia político, o Presidente da República, López Obrador. O conflito foi expresso diretamente com o Presidente que, apesar de tudo, defendeu e sustentou a candidatura de Salgado. E os argumentos e razões que ele apresentou mostram claramente sua concepção conservadora (que é conservadora e não a visão política do século XIX que sempre discute entre liberais e conservadores). Quando as mulheres exigem que ele quebre o “pacto patriarcal”, ele finge confundi-lo com o “Pacto pelo México” feito pelas partes com Peña em 2012 no projeto neoliberal, respondendo que ele quebrou esse pacto e luta contra os neoliberais. Ele então declara que sua esposa já lhe explicou que se trata do pacto patriarcal que é silencioso diante da violência contra as mulheres. Entretanto, a resposta e a posição de AMLO, que ele impõe ao Morena, não é simplesmente o produto da ignorância. É o produto de uma concepção patriarcal conservadora. E isto é o mais grave porque sua resposta final à exigência de que ele quebre o pacto patriarcal é muito perigosa.

Quando AMLO afirma que as idéias do movimento feminista sobre o pacto e o patriarcado são idéias e exigências que se originaram não no México, mas no exterior, ele retoma os argumentos reacionários do PRI das eras Díaz Ordaz e Echeverría. Díaz Ordaz insistiu que as exigências democráticas do movimento estudantil de 1968 responderam às “ideias estrangeiras” e esses governos justificaram a repressão como parte da “luta contra o comunismo” e até o final de sua vida Díaz Ordaz considerou que com Tlatelolco e todas as consequências repressivas ele havia “salvo a pátria”. Este argumento reacionário procura apelar para o patriotismo, para o nacional, para procurar um inimigo externo que force a unidade acrítica e incondicional em torno do governo. E assim aconteceu em Canoa, Puebla, naquela época, quando um grupo de excursionistas da Universidade de Puebla passou pela cidade e o padre local incitou a população a linchar os “comunistas” que vinham da Universidade. Quando o Presidente da República aponta que as feministas são manipuladas pela direita ou pior,

portadoras de uma ideologia estranha ao México, ele abre uma guerra política na qual procura isolar o movimento e semear a desconfiança e a rejeição do feminismo. Defendendo efetivamente o pacto patriarcal na prática. Não é surpreendente, portanto, que em Guerrero, quando um grupo feminista em Morena protesta contra a candidatura de Salgado, as mulheres morenistas as ataquem com golpes. Ou que as mulheres que apresentaram queixas contra Salgado praticamente têm que fugir diante do assédio, em alguns casos, de seus próprios colegas de partido. O apelo de Salgado e Morena para “cerrar fileiras” com sua candidatura diante das denúncias de violência sexual, juntamente com estes discursos do próprio presidente, reforçam as visões mais retrógradas e conservadoras da sociedade. Mesmo as visões regionalistas, que não são exclusivas do norte do México, nas quais Salgado e os morenistas exigem deixar “apenas o povo de Guerrero” para decidir democraticamente é apelar para o argumento de que as feministas e o feminismo são externos, impostos a partir do centro ou do MDLX. Para cerrar fileiras em frente à ala direita que supostamente está por trás da demanda feminista.

Com esse discurso, é certamente verdade que Salgado pode ganhar a maioria dos votos apelando para o atraso da consciência social que afirma que o povo de Guerrero tem o direito de contar com o “Touro sem cerca”, que pode ser muito machista, mas ele é o próprio. Há um touro! grita Salgado orgulhosamente em uma cínica autoconfiança de seu machismo. Mas, mais uma vez, tudo isso é apoiado por seu partido e pelo presidente que o justifica. A recente decisão do INE de cancelar seu registro (não por violência sexual, mas por não apresentar despesas pré-campanha) deu armas a Salgado, Morena e ao presidente para se apresentarem como vítimas de um ataque de direita e para evitar a acusação concreta contra Salgado (mesmo sem julgamento ou respeitando a presunção de inocência, se houvesse sensibilidade naquele partido, eles poderiam tê-lo removido como candidato a uma má imagem pública, uma má imagem que, neste caso, eles querem explorar a seu favor na votação).

Qualquer que seja o resultado da decisão do INE, a posição de Morena e AMLO sobre o movimento feminista e os direitos das mulheres foi explicitada ao público. É provável que, recorrendo ao Tribuna eleitoral, eles vençam o caso de Salgado e reafirmem sua candidatura de qualquer forma, pois é sua convicção manter o pacto patriarcal.

## **Michoacán**

O candidato de Morena é Raúl Morón, que há muitos anos participou do movimento dos professores de onde ele saltou para o PRD e por esse caminho para vários cargos eleitos. Ele foi o líder da Seção XVIII da CNTE e juntamente com outros líderes formou a chamada Aliança pela Unidade Democrática que, através do PRD, lhe permitiu ter um número significativo de presidências municipais, bem como deputados locais e federais. A origem desta corrente no movimento sindical não é a prova da correta politização das lutas sociais, ao contrário, é a prova de que as correntes do movimento social que não têm uma perspectiva revolucionária ao participar eleitoralmente com os partidos no quadro capitalista, acabam absorvidas pela clientelista, lógica burguesa de fazer política e institucionalizada. Eles participam do terreno institucional, abandonando a perspectiva de uma ruptura revolucionária, que os coloca na lógica simplesmente eleitoral dos votos e dos cargos eleitos, a fim de se manterem na institucionalidade que supostamente deveriam querer combater. A candidatura de Morón ao cargo de governador de Michoacán é o auge de sua carreira porque já em 2018, sob o efeito AMLO, mas também com o apoio de grupos políticos locais rançosos ligados tanto ao PRI como ao PRD, ele ganhou a eleição para ser Presidente Municipal de Morelia. Agora que o INE cancelou sua inscrição como candidato a governador de Morena, uma confusão foi imediatamente desencadeada dentro e fora de Morena para ver quem recebe a candidatura, aproveitando o questionamento anterior de sua candidatura por outros grupos de Morena.

Junto com o caso de Félix Salgado, ele é um dos dois

candidatos a governador pelo Morena cuja inscrição foi cancelada pelo INE por não ter apresentado as despesas pré-campanha. Como o método peculiar de Morena para definir candidatos (por sugestão da AML0) não é através da votação por afiliados ou delegados ou qualquer método democrático (já que há disputa interna sobre o quadro de associados, quem é e quem não é), eles impuseram o método da “pesquisa” para abrir a população e por telefone, supostamente, para decidir quem é o candidato. Com esse motivo, as partes interessadas não podem fazer pré-campanha porque não há votação ou eleição para vencer, mas tudo depende de uma “pesquisa” que ninguém vê. Uma vez que eles não fazem formalmente pré-campanha (eles fazem lobby com os chefes do partido, mas não fazem pré-campanha), então eles não apresentam despesas pré-campanha como previsto pela lei eleitoral. A lei eleitoral considera que antes de alguém se tornar candidato, ele ou ela deve ter pré-campanha em seu partido para ganhar a indicação e é por isso que o INE pede despesas pré-campanha. É por isso que cerca de 40 das candidaturas canceladas são de Morena e não de outro partido, pois foi o Morena que em geral utilizou a “pesquisa” para definir os candidatos. Morena vai recorrer perante o Tribunal e certamente reverterá o acordo do INE. Em paralelo, o candidato da coalizão PRI, PAN e PRD em Michoacán é Carlos Herrera Tello, Secretário de Governo de Silvano Aureoles, do PRD.

## **Nuevo León**

A candidata de Morena a governadora é Clara Luz Flores. O candidato da coalizão PRI-PRD é Adrián de la Garza. A atual candidata a Morena, Clara Luz Flores, sempre foi do PRI. Ela foi três vezes Presidente Municipal de Escobedo, Nuevo Leon. Seu marido, Abel Guerra, também membro de longa data do PRI, também foi duas vezes Presidente Municipal de Escobedo, um dos municípios vizinhos de Monterrey. Abel Guerra afirma publicamente que as pessoas votarão em Clara Luz “porque ela é sua esposa” (a propósito do patriarcado). A nomeação e



incorporação de Clara Luz Flores em Morena tem sido a causa de muita controvérsia e conflito, mesmo dentro das fileiras daquela parte. Ela foi convidada pela primeira vez por Yeidkol Polenvsky, quando estava à frente da presidência da Morena, mas também por Olga Sánchez, a Secretária do Interior. Foi nessa época que Polenvsky cunhou a frase PRIMOR para falar sobre esse tipo de acordo. Sob a presidência de Morena com Mario Delgado, o acordo foi ratificado. Para aqueles que têm ilusões na AML0 ao falar sobre estas decisões e posições controversas, atribuindo-as a funcionários menores, deve-se lembrar que dias antes de Clara Luz Flores ser nomeada, o próprio López Obrador esteve em Monterrey no dia 23 de janeiro para apoiá-la. Havia a possibilidade de que ao invés deste ex-membro do PRI, o candidato em Nuevo Leon fosse a ex-membro do PAN Tatiana Clouthier, também representante da burguesia de Monterrey, ou "Regia", como eles gostam de se chamar. Para resolver isso, a AML0 nomeou Clouthier Secretário de Economia do Gabinete para reforçar o papel de Alfonso Romo como "elo" com os empresários não só do Grupo Monterrey, mas em geral da burguesia.

Devido a sua importância estratégica, o governo de Nuevo León, sempre controlado pelo PRI e agora com o Bronco "independente", é também o cenário da disputa interburguesa dentro e fora do governo federal, tentando ganhar Nuevo León com um antigo candidato do PRI. A disputa em Nuevo León com o PRI e o PAN, em sua antiga sede, certamente será muito violenta. Já tivemos um exemplo disso quando o candidato do PRI Adrián de la Garza denunciou os vídeos em que Clara Luz aparece com o chefe do NXIVM (Keith Raniere). Anteriormente Clara Luz Flores havia negado sua participação na NXIVM, reduzindo-a a um curso de "melhoria pessoal" que ela havia levado para lá, como "muitos mexicanos", cerca de 10 mil ela disse em uma entrevista com Julio Hernandez "El Astillero". Certamente os "milhares de mexicanos" aos quais ela se refere são mais como alguns filhos e filhas das elites do poder, começando por Emiliano Salinas, operador desse grupo e filho

de Carlos Salinas de Gortari, assim como outros filhos da Fox ou De la Madrid e vários homens de negócios. Claro que eles não podem ser “muitos” mexicanos porque é preciso muito dinheiro para estar naquela seita, embora algumas mulheres tenham sido transformadas em escravas sexuais do guru Keith Raniere que lhe permitiu marcá-las com seu nome em seus corpos e pelo qual ele enfrenta atualmente uma pena de prisão de mais de 100 anos nos Estados Unidos. Certamente Clara Luz estava pensando em ter a cobertura de Mario Delgado em sua participação na NXIVM, já que Delgado também aceitou anteriormente ter tomado um curso de “melhoria pessoal” lá. Mas agora que a guerra com o PRI foi desencadeada, um vídeo foi divulgado onde Clara Luz e Raniere aparecem em uma conversa agradável na qual Raniere lhe explica que a demagogia dos populistas é que eles dão às pessoas o que elas acham que precisam e não o que elas realmente precisam.

A “filosofia” de Raniere, submissivamente compartilhada por Clara Luz nessa conversa, faz parte da opinião que eles têm sobre “o povo” como selvagem e ignorante e sem espírito de auto-aperfeiçoamento. Na realidade, os cursos de “aperfeiçoamento pessoal” do NXIVM são chamados de “programa de sucesso executivo” onde ensinam que um parasita é alguém que pede ajuda a outros ou reclama de fome, dor ou dificuldades na vida e o objetivo dos membros da seita é acumular o máximo de dinheiro possível para “melhorar o mundo”, pelo conhecido sistema das pirâmides onde eles recrutam novas pessoas para extorquir. Sobre o comportamento parasitário Raniere (como explicado em um artigo recente de Fabrizio Mejia) vai além, assegurando que não há vítimas, ou seja, que ter sofrido um abuso ou uma injustiça não é um assunto entre o “eu” e o mundo, mas entre o “eu” e ele mesmo. Isto permite ao guru envergonhar suas vítimas por se assumirem como tal e manipulá-las até o extremo do uso sexual e patrimonial. Assim, com um ex-membro do PRI, um estudante de Raniere, Morena quer ganhar Nuevo León do PRI e do PAN em seu antigo reduto.

## **Querétaro**

Celia Maya García, candidata de Morena, foi a assessora jurídica de Blanca Hernández, diretora da Conagua, parte da equipe demitida pela AML0 após a crise hídrica causada pela tomada de barragens em Chihuahua. O Presidente sugeriu que os membros do PAN que tomaram as represas tiveram o apoio e a cumplicidade de anos de funcionários da Conagua que perderam os processos e deram as concessões. O oponente de Celia Maya é o senador Mauricio Kuri (PAN) em um estado governado pelo PAN e lar de alguns de seus principais representantes, tais como o inefável Diego Fernandez de Cevallos.

## **San Luis Potosí**

A candidata de Morena a Governadora do Estado é Mónica Rangel. Para a coalizão PRI-PAN-PRD é Cesar O. Pedroza. Julio Hernández, nativo de Potosí, “El Astillero” publicou uma série de artigos descrevendo o que ele chamou de “Potosí shuffle” para se referir aos envolvimento de Morena para definir sua candidatura, especialmente com Mario Delgado como presidente do partido. Desde o ano passado, começaram os pactos na Câmara de Deputados para o caso do SLP. O deputado Ricardo Gallardo Cardona renunciou ao PRD e sua coordenação para apoiar as iniciativas de Morena, coordenadas por Mario Delgado, em troca de ter a candidatura a Governador do SLP em aliança com o Partido Verde, ao qual ele seria filiado. Os protestos das pessoas de Morena não demoraram a chegar, devido ao descrédito do grupo de Gallardo. Argumentando a obrigação legal dos partidos de também nomear mulheres como candidatas a governos estaduais, Mario Delgado conseguiu fazer a mudança, novamente na linha do PRIMOR, ou seja, com a candidatura de Monica Rangel. Antes de se tornar uma candidata a Morena, Monica Rangel foi a Secretária de Saúde do governo de saída do PRI, chefiada por Juan Manuel Carreras. Quando os resultados da “pesquisa” foram divulgados, outros candidatos de Morena, como a líder sindical Francisca Reséndiz, denunciaram à imprensa que havia uma manobra da “máfia do poder” entre Mario Delgado

e o governo PRI de Carreras. O apoio de Morena a esta candidatura não se limitou a Mario Delgado, mas como no caso de Félix Salgado, teve o endosso do próprio AML0. O último café da manhã que a AML0 teve antes de anunciar seu contágio do Covid 19 foi em San Luis Potosi com o governador do PRI Carreras.

## **Sonora**

Alfonso Durazo é o candidato de Morena (em aliança com o PT e Verde). A candidatura da Durazo, parte da equipe da AML0, foi prevista. Embora não tenha sido nomeado como super delegado como aconteceu com pré-candidatos em outros estados, Durazo foi nomeado responsável pela Segurança Pública em nível federal, o que é uma posição chave. O objetivo de Morena de ganhar um estado historicamente dominado pelo PRI, um pouco de feudo de Manlio Fabio Beltrones (com o intermediário de um governo PAN) através do Durazo é significativo. Embora Durazo tenha feito parte do grupo AML0, sua trajetória, como é bem conhecido, é mais complicada e não típica da esquerda. Sua definição central começa com o PRI, como parte da equipe central de Luis Donaldo Colosio. Ele foi secretário particular de Colosio quando Colosio era Presidente do PRI, depois quando foi Secretário de Desenvolvimento Social no governo de Salinas e finalmente quando foi candidato à presidência em 1994 até seu assassinato em Tijuana. Após o assassinato do Colosio, ele colaborou no governo PAN de Vicente Fox, como seu porta-voz e secretário particular, praticamente no mesmo nível que ele fez com o Colosio. Quando ele se chocou com Martha Sahagún, esposa da Fox, e suas pretensões de sucessão, Durazo renunciou ao governo da Fox e nos seis anos seguintes começou a colaborar com a AML0.

O esquema de tentar deslocar o PRI com um candidato vindo do PRI e com a aura do colaborador do Colosio é repetido. De acordo com a denúncia dos apoiadores do não-conformista Moreno, Durazo está usando os mesmos métodos de imposição do PRI para as outras candidaturas em jogo em Sonora, por

exemplo, as das Câmaras Municipais. Um caso em questão da prefeita de Hermosillo, Célida Teresa López Cárdenas, que está concorrendo à reeleição no bilhete de Morena e que denunciou e insultou as feministas como “idiotas” por exigirem a descriminalização do aborto, alegando que ela é uma feminista e que “abrindo ou fechando suas pernas” elas assumem o controle de seu corpo e depois querem “andar por aí abortando com o trapo verde a toda velocidade”. Em um estado governado pela beltronista Claudia Pavlovich, que no escandaloso e ostensivo casamento de sua filha nos últimos dias, que se diz ter sido assistido por mais de 400 pessoas em plena pandemia, incluindo Manlio F. Beltrones, a senadora Sylvana Beltrones, Peña Nieto e o próprio Salinas de Gortari, a coalizão do PRI, PAN e PRD nomeou Ernesto Gandara Camou.

Os casos acima são alguns dos mais relevantes na eleição dos governadores em 2021.

A sucessão também acontecerá em Tlaxcala onde Morena nomeou Lorena Cuéllar (em aliança com PT, Verde e Panal). Em Sinaloa, o candidato de Morena é Rubén Rocha. Em Nayarit o candidato é Miguel Navarro para Morena, PT, Verde e PANAL.

Em Zacatecas, onde o candidato de Morena será David Monreal que tentará novamente governar aquele estado onde seu irmão Ricardo Monreal já era governador. Ricardo Monreal rompeu com o PRI em 1998 para concorrer ao cargo de Governador para o PRD naquele ano. Para o atual senador Monreal e suas pretensões futuristas, a candidatura de Zacatecas é a única sede importante que ele procura disputar. Suas possibilidades em relação à sucessão presidencial se limitam a forjar uma aliança com a corrente de Marcelo Ebrard. Sua outra pretensão, que ele perdeu para as eleições de 2018, é a de Chefe de Governo da Cidade do México. Mas também aí ele tem perdido posições desde que não conseguiu que Néstor Núñez, atual prefeito de Cuauhtémoc, concorresse à reeleição porque a “consulta” favoreceu Dolores Padierna. A candidatura de Padierna em Cuauhtémoc também faz parte da recuperação de

cargos de René Bejarano na Cidade do México.

Como pode ser visto na revisão acima, o bloco de partidos de direita representados pela coalizão PRI, PAN e PRD estão concorrendo juntos em 11 dos 15 estados onde haverá eleições gubernatoriais. Em Chihuahua, Nuevo León e Guerrero, a coalizão é parcial, no primeiro estado PAN-PRD, em Nuevo León e Guerrero PRI e PRD. E em Querétaro, onde o PAN se considera hegemônico, os três são separados.

A longa lista de “não representadas” (como são chamadas eufemisticamente) candidaturas de Morena (agora para os governos; espere até ver o resto) deve ir além da visão localista que acredita que este é um caso particular em uma determinada entidade ou em outra. Estas candidaturas não são o resultado de um problema local com os responsáveis de Morena, mas correspondem à linha geral do partido, endossada até mesmo pelo próprio AML0.

Como dissemos no artigo anterior, com o realinhamento de forças em andamento, tudo indica que Morena (com seus aliados) terá a maioria dos votos, embora não terá os famosos 30 milhões das eleições presidenciais, porque é uma eleição intermediária sem a figura presidencial na cédula e por causa da própria erosão de Morena. Ou seja, a abstenção pelo mesmo motivo certamente retornará aos seus níveis anteriores.

Quando concluímos que não há opção partidária nas eleições de 2021, estamos mais uma vez reafirmando a necessidade de continuar a construção, além dos processos eleitorais, de um partido revolucionário que hoje deve ser claramente anticapitalista, feminista, eco-socialista e internacionalista. Nessa lógica, estamos tentando por enquanto avançar na coincidência de um pólo político e social alternativo, tanto à direita como ao “progressismo tardio”, com os movimentos independentes da classe trabalhadora, do feminismo em luta contra o patriarcado capitalista e os movimentos indígenas em luta contra os megaprojetos

neoliberais, ecocidas e predatórios.